

UNICAMP

P31.38

EVENTO: 22ª BIENAL
 Gary Hill - Fabrizio Plessi
 VEÍCULO: O Estado de São Paulo
 DATA: 15 de setembro de 1994
 PÁGINA: D 12
 SEÇÃO: Caderno 2



ENTREVISTAS

O americano Hill mostra sua crucificação eletrônica

Em 'CruX', artista quer pôr em evidência a desconstrução das formas e sentidos

Fazer o espectador refletir sobre seu modo natural de perceber o espaço. Essa é a intenção central da obra de Gary Hill, atualmente um dos principais pesquisadores da linguagem da vídeo-instalação nos EUA. O trabalho de Hill combina basi-

camente palavra e imagem, recorrendo com frequência ao corpo humano como tema fundamental dessa pesquisa. Em *CruX* (1987) e *Inasmuch As It Is Always Already Taking Place* (1988), ele usa seu próprio corpo para construir uma parábola de origem religiosa.

Caderno 2 — Você começou trabalhando como escultor. Como foi a passagem para o vídeo?

Gary Hill — Foi basicamente o resultado de uma sensação de tédio, de lentidão que começou a me invadir na criação de esculturas. Finalmente, em 1973, empunhei uma câmera pela primeira vez. A sensação de que no próprio momento em que eu agia a arte se realizava foi libertadora. É a instantaneidade do vídeo que me atrai.

Caderno 2 — Que outras características desse suporte são importantes para você?

Hill — Não é o aspecto visual do

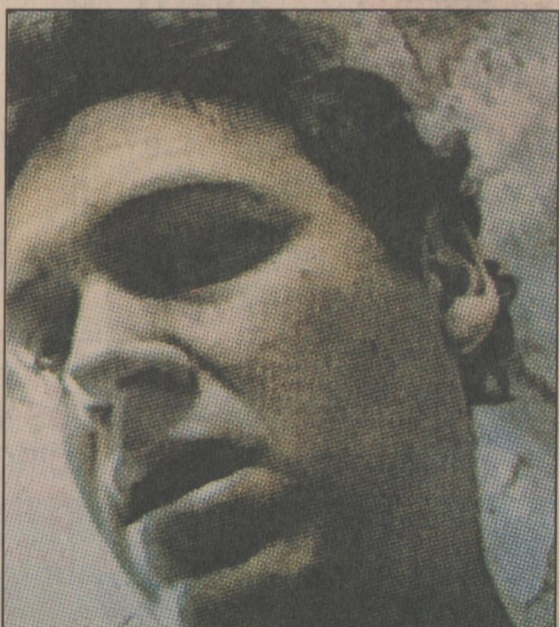
vídeo que me parece o mais importante. A tradução ou compressão do tempo real, monitorado pelo vídeo, no espaço de uma tela, é para mim a essência desse meio. Ao contrário do cinema, porém, a instalação descentraliza em vez de centralizar a percepção. Bem-sucedida, a obra é capaz de pôr em questão todo o nosso modo habitual de perceber o ambiente à nossa volta. Tornar agudo nosso senso de espaço, desnaturalizar nossa visão.

Caderno 2 — Poderia falar sobre 'CruX'?

Hill — É uma espécie de ponto de transição em minha obra: pela primeira vez usei o corpo humano como tema central. Os significados simbólicos também estão "sublimados" na forma de cruz da instalação. Em trabalhos anteriores, eu havia lidado extensivamente com materiais literários que funcionavam como "trilha sonora". Em *CruX*, os únicos sons vêm do ambiente natural onde realizei a caminhada, a "via-crúcis". É uma obra de grande efeito teatral.

Caderno 2 — A metáfora religiosa é o ponto central da obra?

Hill — As pessoas tendem a ver assim. Eu gostaria de enfatizar não o sentido fixo da metáfora, mas justamente o seu oposto: o espaço vazio onde deveria estar o corpo, a desconstrução das formas e dos sentidos. É isso que obriga a refletir sobre a percepção, a tentar recompor e recriar o que está fraturado.



Gary Hill: colocando em xeque a percepção



'Between Cinema and a Hard Place', instalação de Hill de 1991: baseada em Heidegger

"Sou um clássico", afirma Plessi

O artista italiano Fabrizio Plessi, nascido em 1940, foi professor de pintura. Abandonou esse suporte tradicional em 1968 para se dedicar a instalações, vídeos e performances. Em 1982, incorporou estruturas tridimensionais nas suas instalações de vídeo, investigando o ilusionismo na obra de arte que lida com a apresentação.

Sua instalação *Roma* volta no tempo para traduzir a Itália renascentista, através da reprodução eletrônica. Entre suas obras, estão os cenários da peça *A Queda de Ícaro*, do grupo belga Plan K. Para o mesmo grupo, produziu os cenários eletrônicos da ópera *Titanic*, com música de Charles Yves e Schmitke.

Caderno 2 — Por que a água é um elemento tão comum em sua obra? Ela aparece não apenas em 'Roma', mas em diversas outras instalações.

Fabrizio Plessi — Em parte por razões biográficas. Nasci em Veneza, moro lá por grande parte da vida. A água

está marcada em minha memória. Entretanto, uso a água como principal metáfora de minhas instalações por outros motivos: creio que há uma grande similaridade entre as imagens de vídeo e os líquidos. Ambos são instáveis, flúidos, móveis. Talvez isto soe como uma idéia forçada. Mas insisto na cumplicidade entre as duas coisas. Minha obra é uma ilustração disso.

Caderno 2 — O que mudou entre a primeira montagem de 'Roma', em 1987, e a da Bienal?

Plessi — Detalhes, para que haja uma apropriação efetiva do espaço. A essência está mantida. Os muros que circundam a instalação são vermelhos, a cor típica das construções romanas. No centro, está a ciranda de vídeos onde flui minha água tecnológica. De tempos em tempos o líquido muda de cor — é a primeira vez que uso efeitos de cor, em toda a minha obra com vídeo. No piso, é usado o mármore travertino, uma pedra de uso nobre para decoração — mas não para esculturas. E isso é tudo. Não é um trabalho cuja interpretação seja difícil, não busco nada desse tipo. Estou mais interessado na forma, na espécie de relação com o público que um monumento barroco-tecnológico desse tipo

pode ter. Apresentada na Documenta 8, Roma teve um grande sucesso.

Caderno 2 — Poderia falar mais sobre esse "barroco-tecnológico"?

Plessi — Atualmente, ensino em na Universidade de Colônia, na Alemanha, uma disciplina chamada "Humanização da Tecnologia". Desde que comeci a trabalhar com vídeos tenho

buscado aumentar a temperatura desse meio, que é frio por natureza e que causa o distanciamento do espectador. Por isso trabalho tanto os contrastes — o renascentista e o high-tech, por exemplo. E por isso minhas referências continuam sendo culturais: a arquitetura romana, a pintura. A metafísica das pinturas de De Chirico é uma influência que atravessa toda a minha carreira.

Caderno 2 — Você conhece os outros artistas que virão à Bienal?

Plessi — Conheço bem Hill e Garin, já participei de workshops com eles. Acho que há uma diferença grande entre nós. Eles são muito mais jovens que eu, preocupados com a interatividade, com o mundo da comunicação. Fabrizio Plessi é um clássico. Minha obra é teatral, verdadeiramente ligada ao mundo da arte.



ÁGUA É
 PRINCIPAL
 ELEMENTO DA
 OBRA DE PLESSI